

CAMPANHAS CONTRA O USO DE DROGAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Gilberto Nazareno Telles Sobral*

Resumo: *Diante do grave problema social, que é o tráfico de drogas, muitas são as ações afirmativas por parte de vários segmentos da sociedade, dentre elas as campanhas que objetivam conscientizar a população acerca das responsabilidades e das suas conseqüências. Desta forma, este trabalho visa à apresentação de uma análise lingüística de duas das referidas campanhas, a partir dos pressupostos teóricos da Teoria Polifônica de Oswald Ducrot. Esta pesquisa permitiu, mais uma vez, comprovar que é na e pela linguagem que o homem interage socialmente e, portanto, constitui-se um significativo instrumento de sensibilização em qualquer sociedade.*

Palavras-chave: Discurso; Drogas; Polifonia.

INTRODUÇÃO

Analisar o ato de linguagem como um ato de discurso equivale a admitir que é possível definir as intenções comunicativas dos protagonistas da enunciação, através da análise da mensagem lingüística, tradutora de representações psicossociais e da organização social e cultural nas quais o discurso tem suas fontes. Sendo os problemas relativos à falta de segurança e à violência, principalmente nos grandes centros, duas questões que representam os principais problemas das sociedades contemporâneas, muitas vezes motivados pelo tráfico e consumo de drogas, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura, dentre outras possibilidades, de duas campanhas de conscientização do mal social causado pelas drogas, uma veiculada na mídia impressa e outra no rádio, por iniciativa da Associação Parceria Contra Drogas – APCD, uma ONG sem fins lucrativos, fundada em 1996, por empresários da iniciativa privada, cuja missão é o desenvolvimento de trabalhos de caráter preventivo contra o uso de drogas ilícitas. Esta proposta de leitura é construída a partir dos pressupostos teóricos da Teoria Polifônica de Oswald Ducrot.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

Nas últimas décadas, muitos problemas sociais, tais como crescimento da violência urbana, problemas familiares, dentre outros, têm sido atribuídos ao uso indevido das chamadas drogas ilícitas, fato que tem motivado grandes discussões das mais diversas formas e nos mais variados ambientes.

Segundo o Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crime (UNODC), em torno de 205 milhões de pessoas no mundo todo usam algum tipo de droga, ilícita ou não, sendo a maconha a mais comum, seguida da cocaína. Os homens são os maiores usuários, cuja maior dependência está entre aqueles com média de 25 anos.

Diante de tamanho problema, a questão das drogas tem sido amplamente abordada, também no Brasil, em novelas, filmes, nos ambientes religiosos como, por exemplo, a campanha realizada, em 2001, **Vida sim, drogas não**, e pela mídia, seja para impedir o consumo por novos usuários, seja na tentativa de recuperação de dependentes.

* Doutor em Letras/ Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia e do Centro Universitário FIB e membro do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso/NEAD da UCSAL; gsobral@ufba.br.

Diretamente relacionado aos problemas sociais, o combate às drogas deixou de ser, prioritariamente, uma preocupação do governo e as famílias assumiram um papel fundamental no processo de combate ao consumo das drogas. Contudo, a dinâmica da vida moderna tem exigido novos comportamentos familiares. Tendo em vista estes novos modelos de família e a desagregação familiar, a sociedade em geral tem se mobilizado diante da questão, até porque há uma certa banalização e, talvez, já não haja quem não se sinta vítima, direta ou indiretamente, das drogas.

O consumo de drogas ilegais entre homens e mulheres pode ser verificado na seguinte tabela, que apresenta um levantamento sobre o uso domiciliar de drogas psicotrópicas no Brasil.

Tabela 1: Consumo de drogas ilegais no Brasil

(pelo menos uma vez na vida, 2001)			
Tipo de droga	Total %	% Homens	% Mulheres
Maconha	6,9	10,6	3,4
Cocaína	2,3	3,7	0,9
Crack	0,4	0,7	0,2
Merla (um subproduto da cocaína, mais barato, em pasta, e que pode ser fumado)	0,2	0,3	0,1
Heroína	0,1	0,1	0%
Amostra: 8.589 entrevistados, idades de 18 a 65 anos.			

Fonte: São Paulo: SENAD, CEBRID, UNIFESP, 2002.

Dentre os principais fatores tradicionalmente apontados como razões para o consumo drogas, entre os jovens, estão a aceitação em um grupo de amigo, experimentação de novas sensações de prazer, diminuição de timidez, quebra de regras sociais, aumento da criatividade, sendo a maior causa apontada por diversos estudos a fuga de problemas com a família e, principalmente, com os pais.

Sabe-se que as drogas são facilmente encontradas, nos grandes centros urbanos, em ambientes escolares, pontos turísticos e, infelizmente, em alguns casos, comercializadas por policiais, os quais deveriam inibir o seu consumo e venda, além do acesso no próprio ambiente familiar.

Também não se pode negar que a venda de drogas, muitas vezes, representa a única forma de sobrevivência de uma expressiva parcela da população que vive à margem de uma educação de qualidade e que, conseqüentemente, contribua para a sua inserção no mercado de trabalho.

Na década de 90, diante de tal situação, foram veiculadas, de forma mais ostensiva, campanhas publicitárias em prol do combate ao uso e venda de drogas. Nesta ação, verifica-se a importância da interação verbal.

Segundo Bakhtin (2002, p.123),

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Segundo Maingueneau (2002, p.53), "a atividade verbal é, na realidade, uma interatividade entre dois parceiros, cuja marca nos enunciados encontra-se no binômio EU-VOCÊ". No entanto, num enunciado, este eu, que assume a responsabilidade do dizer, pode organizar o seu discurso a partir de perspectivas várias. Esta questão será defendida por Ducrot (1984) em sua Teoria Polifônica da Enunciação.

Teoria Polifônica

Em sua Teoria Polifônica da Enunciação, Ducrot (1987) tem como objetivo contestar um pressuposto da lingüística moderna (comparativismo, estruturalismo e gramática gerativa) que é a unicidade do sujeito falante.

A disciplina na qual situa sua teoria é a pragmática semântica ou pragmática lingüística, visto que irá investigar as ações humanas realizadas pela linguagem, indicando suas condições e seu alcance. É na qualificação da enunciação contida no enunciado que está o sentido do enunciado. Logo é necessário descrever sistematicamente as imagens da enunciação que são veiculadas no enunciado.

Ducrot salienta a necessidade de distinguir **frase**, **enunciado** e **enunciação**. Segundo o autor (1987, p. 164),

Frase é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o lingüista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o lingüista pode tomar como observável é o **enunciado**, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase.

As frases, entidades abstratas, são suscetíveis de manifestação por uma infinidade de enunciados, enquanto que enunciado é um acontecimento histórico, que não existirá nem antes nem depois da fala. Para **enunciação**, o autor apresenta três acepções: ela é uma atividade psicofisiológica implicada pela produção de um enunciado, um produto da atividade do sujeito falante e, por fim, um acontecimento constituído pelo aparecimento momentâneo de um enunciado. Esta é a acepção que interessa à teoria polifônica.

Também importante é a distinção entre **significado**, caracterização semântica da frase, e **sentido**, caracterização semântica do enunciado. Um enunciado é, pois, suscetível de interpretação(ões). Ainda segundo o autor (1987, p.170), o sentido de um enunciado é a interpretação da frase temperada por alguns ingredientes emprestados à situação de discurso.

Interpretar uma produção lingüística consiste em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido, que é um conjunto de indicações sobre a enunciação (indicações argumentativas, ilocutórias, causas da fala).

Assim, o autor considera necessário distinguir entre os sujeitos dois tipos de personagens: os enunciadore e os locutores.

Contra a tese de unicidade do sujeito, a teoria de Ducrot parte do pressuposto de que o sentido do enunciado é uma descrição de sua enunciação e para essa descrição o enunciado fornece indicações, principalmente sobre o(s) autor(es) eventual(is) da enunciação. Sua tese comporta duas idéias: a atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos que seriam sua origem e a necessidade de se distinguir entre sujeitos que seriam dois tipos de personagens, os locutores e os enunciadore.

Conforme Ducrot (1987, p.182),

O locutor é "um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a

responsabilidade desse enunciado”, enquanto que por enunciadores compreendem-se “seres que são considerados como se expressando através da enunciação sem que para tanto se lhes atribuam palavras precisas”. Se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras.

Conhecer, portanto, este embate de vozes e sua importância em contextos específicos é um importante caminho para compreender o funcionamento da organização social, da qual emergem os discursos.

Textos para análise

Dois textos foram selecionados para compor o *corpus* deste trabalho: uma campanha veiculada em rádio e uma em mídia impressa.

Texto 1: campanha em rádio

Título "Promoção": com duração de 30", corresponde ao áudio do filme veiculado em TV no ano 1996.

Você fica indignado quando bandidos conseguem ter celular e laptop na cadeia? Você acha um absurdo quando um bandido foge do presídio de segurança máxima porque alguém facilitou? E, quando você descobre que quem deu a grana para o suborno foi você, o que você sente?

Quem financia a violência é o tráfico de drogas, e quem sustenta o tráfico é você. Se você vai comprar, lembre-se do preço.

Análise do texto 1

Na cena enunciativa, tem-se um locutor (L) coletivo, que são os membros da Associação Parceria Contra Drogas. Este locutor, inicialmente, fala da sua própria perspectiva, constituindo-se, assim, em um enunciador (E1). Contudo, para sustentação do seu dizer, o locutor (L) traz à cena enunciativa outro enunciador (E2), que é a voz do senso comum, que diz que há uma violência, que reprime, que mata, e que esta é financiada. É esta voz anterior que cria a situação para tal denúncia. O locutor dirige-se a um alocutário que não é especificado, pois o dêitico **você** somente será preenchido de sentido fora do texto, referindo-se a qualquer pessoa, a qual irá identificar-se ou não com a situação. Assim, o locutor (L) compartilha a responsabilidade e as consequências daquilo que é enunciado.

Por outro lado, o operador argumentativo **se** cria uma situação de possibilidade, pois não acusa, uma vez que não apresenta um comportamento como um fato, mas, através do discurso polissêmico criado pela lexia **preço**, uma vez que pode ser compreendida como valor, mas também como consequência, cria a imagem de um alocutário consciente e, portanto, responsável pelos seus atos.

Texto 2: campanha em mídia impressa

A peça para mídia impressa foi veiculada entre outubro de 2002 e abril de 2003, juntamente com dois filmes da Agência Full Jazz, que foram exibidos pelas emissoras de TV 23.800 vezes.



Análise do texto 2

O texto, aqui compreendido como unidade de sentido, é composto de elementos verbais e não-verbais. Os elementos não-verbais são a foto de um jornal com algumas trouxinhas de drogas e o símbolo da Associação Parceria Contra Drogas – APCD, uma mão aberta, fazendo referência a um gesto, ao qual pode ser atribuído o sentido **pare**. O único traço que atravessa a mão faz uma alusão à chamada linha da vida. Perfeitamente marcada sem nenhum traço de interrupção, a linha cria a idéia de uma vida saudável, no caso, sem as drogas. Quanto aos elementos verbais, destacam-se, no jornal, o título da matéria **Tráfico volta a dominar via expressa**. Inicialmente, observa-se que o enunciado apóia-se numa informação implícita, que é recuperada pela marca lingüística **volta**, isto é, não se trata de uma situação nova, o problema já é conhecido, o que, provavelmente, remeterá o alocutário a outros fatos já conhecidos, que são as conseqüências do tráfico. Ressalta-se, também, que a via expressa a que se refere não é especificada, criando, assim, uma situação de generalidade. Abaixo do jornal, tem-se a palavra **dependente**, que tem uma conotação negativa, visto que, tradicionalmente, prega-se a liberdade do homem em relação às coisas materiais e que, no contexto, está diretamente relacionada à palavra tráfico.

Em seguida, em **quem compra drogas financia a violência**, percebe-se a intenção de transferência de responsabilidade. Se, inicialmente, a culpabilidade recaía sobre os traficantes, neste momento, a responsabilidade é direcionada a todo e qualquer usuário. O locutor (L), a Associação Parceria Contra Drogas – APCD, traz, à cena enunciativa, a voz de outro enunciador, que declara a existência de uma violência e que esta é financiada. Esta perspectiva pode ser assimilada por qualquer cidadão que, de formas diversas, denuncia o problema das drogas, por conhecimento ou por proximidade com o problema.

CONCLUSÃO

Sendo a questão das drogas um problema que afeta, direta ou indiretamente, a vida social, torna-se, cada vez mais, necessária a participação de toda sociedade na recuperação e na prevenção de indivíduos envolvidos em tal situação. Percebe-se, nas campanhas, a intenção de não criar um discurso autoritário por parte do locutor, uma vez que o alocutário, todas as pessoas que tivessem acesso às campanhas, identificar-se-iam e assumiriam a situação denunciada. Neste

contexto, a linguagem, pelo seu caráter plural, é, portanto, um dos maiores recursos de persuasão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. SP: Editora Hucitec, 2002.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes. 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. SP: Cortez, 2002.